

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CULTURAL
SEGUNDO A TEORIA CRÍTICA DE THEODOR W. ADORNO**

Fernando Lopes de Aquino¹

Resumo

Buscaremos através deste ensaio, analisar as considerações de Adorno quanto ao processo de desenvolvimento cultural da modernidade e sua relação com os pressupostos acerca da educação. Sobretudo, veremos como se processa a criação de um modelo cultural cuja barbárie do século XX, isto é, a experiência de duas Grandes Guerras Mundiais é, para Adorno, o expoente histórico mais nefasto e, portanto uma prerrogativa no que tange a reflexão sobre a educação. Relacionando isto com o nosso principal objeto de pesquisa, teríamos segundo o filósofo, a alegação de que a exigência de que Auschwitz não se repita é algo extremamente primordial no que diz respeito à educação. Ela deve preceder a qualquer outra prerrogativa, não requerendo qualquer justificativa. Assim, como veremos, não se trata somente de analisar tais considerações, mas expor a questão acerca do pressuposto da educação como um referencial para emancipação humana.

Palavras-chave: Educação, Esclarecimento, Semicultura, Indústria Cultural, Teoria Crítica.

Abstract

Through this essay, we will try analyze the Adorno's considerations about the cultural development process of modernity and its relation with the presuppositions concerning the education. Above all, we'll see how processes the creation of a cultural model whose barbarity of the 20th Century, that is, the experience of two Great World Wars is, according Adorno, an historical exponent more ominous and, hence, a prerogative about what refers to the reflections on the education. Relating that with our main object of research we would have, according to the philosopher, the contention that the demand of Auschwitz not be replicated is something extremely primordial about the education. It must precede any other prerogative, doesn't requiring any justification. So, as we will see, it is not only about to analyze those considerations, but to show the issue about the presupposition of the education as a referential for the human emancipation.

Keywords: Education, Enlightenment, Semiculture, Cultural Industry, Critical Theory.

¹ Graduado em Teologia e Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestrando em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP.

I. Apresentação do objeto

Segundo as análises e críticas da escola de Frankfurt, especialmente a concepção de Adorno, as ciências oriundas da modernidade prendem-se às relações sociais não como pretendia o ideal iluminista e seus pressupostos de progresso e esclarecimento, mas segundo o princípio da *racionalidade instrumental*.

Ao contrário de valer como o contorno de libertação humana de seus supostos “mitos”, as ciências modernas, tidas como instrumentos para manipular a natureza, seguem amparadas pelo capitalismo, convertendo-se em primorosos mecanismos, essencialmente ideológicos, deste mesmo sistema. Seriam requeridas sempre num contexto de relações sociais que envolvessem arbitrariamente uma postura de domínio e/ou intimidação. Contudo, o esquema de dominação progressiva reiterado pelas ciências modernas, acabou por gerar o predomínio daquilo que Adorno chamou de *adaptação*.

A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações se debate com as fronteiras do poder. Todavia, na vontade de se organizar essas relações de uma maneira digna dos seres humanos sobrevive o poder como princípio que se utiliza da conciliação. Desse modo, a adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade de meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. (ADORNO, 1996. p.391)

A ideia de ideologia aqui apresentada surge paralela ao desenvolvimento progressivo do capitalismo e da revolução tecnológica-industrial que o procede no século XX. Estas transformações consequentemente trazem a tona uma nova realidade cultural, que conforme Pucci (1997) faz com que os produtos culturais deixem de ser predominantemente valores de uso para se tornarem valores de troca, se integrando à lógica de mercado, nesta ótica, mesmo os objetos culturais são produzidos e reproduzidos como outro qualquer. Desenvolve-se uma indústria da produção cultural.

Dito isto, é também neste sentido que a formação cultural reitera o estado de *adaptação* pelo qual a sociedade cegamente se mantém, dificultando a compreensão crítica da vida real. A manifestação da autonomia e a possibilidade de que os homens se eduquem uns aos outros através da cultura dão espaço para manifestações cada vez mais irracionais, sobretudo a partir de uma consciência massificada pelos bens culturais atrelados aos valores de consumo imediato.

Assim, o que pretendemos é analisar as considerações de Adorno quanto às contradições entre a formação cultural e a sociedade tecno-industrial, em que pese à realidade que dela resulta. Por conseguinte, seria ainda possível pressupormos que a educação possa ser concebida como um indicativo para emancipação humana? Uma primeira prescrição realizada pela Teoria Crítica seria a de que ela atrela-se mais ao desenvolvimento do capitalismo e não tanto à formação para a autonomia.

Consequentemente, isto implica em voltarmos nossa pesquisa ao desdobramento ético e político da educação compreendida neste contexto de adaptação. Mesmo se tratando de fatores externos ao campo educacional, isto é, as transformações históricas e sociais, as considerações de Adorno nos fornecem pistas para a compreensão, por exemplo, do *porquê* de se priorizar atualmente a formação para o mercado ou o tecnicismo presente nos currículos e ainda, a deficiência na formação dos profissionais da educação.

II. O *esclarecimento* e os pressupostos da questão

Analisar a educação, através do referencial teórico de Adorno, como possibilidade de emancipação num contexto determinado pelo capitalismo e suas ideologias, requer uma compreensão das contradições dos ideais iluministas, bem como a forma como isto se relaciona com o *sentido* dado à educação. Segundo este autor, tais contradições evidenciam uma sociedade extremamente *heterônoma* e não o seu oposto (a autonomia) como pretendia os pensadores do *Século das Luzes*².

É preciso primeiramente, considerar o papel da crítica aos determinantes econômicos no qual se edificou a pungente esperança moderna de um *esclarecimento*. Ou seja, tentar desvelar qual estrutura e ideologia a sustentou, evidenciando seus

² Uma das principais críticas estabelecidas pela escola de Frankfurt consiste em analisar a sociedade atual a partir do projeto e ideal iluminista. Neste sentido, os termos “heteronomia” e “autonomia” fazem referência, sobretudo ao que prescrevera Kant. Conf. Resposta à Pergunta: ‘O Que é Esclarecimento?’ (Tr.: Floriano de Souza Fernandes). Em: KANT, I. **Textos Seletos**. (org. E. Carneiro Leão) Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784]. Uma das expressões mais célebres do Iluminismo (*Sapere aude*) nos ajuda a representar esta contradição. Ousar servir-se da própria razão e determinar por si mesmo a lei a qual o indivíduo deve se submeter, seria isto, portanto o que caracterizaria, segundo Kant, o sujeito autônomo. Não que este viva sem leis exteriores, mas que obedeceria apenas aquelas que escolheu depois de examiná-las criticamente e por si mesmo. Conf. LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp.115-116. Como veremos adiante, é justamente esta falta de *críticidade* diante das regras que são impostas aos indivíduos que faz com que Adorno reflita sobre a questão, sobretudo o papel da educação neste processo.

principais paradoxos. Enfim, buscar compreender a complexa relação que se estabeleceu entre o tipo de cultura criada na modernidade e a educação.

Ao pressupormos as implicações dessas análises para educação, nosso recorte metodológico nos leva especificamente a perscrutar importantes conceitos desenvolvidos por Adorno como, por exemplo, a ideia de uma indústria cultural e o desenvolvimento de uma semicultura, ambas ligadas aos desdobramentos da crítica à racionalidade instrumental e, sobretudo, à manutenção do sistema capitalista.

Segundo Adorno o processo de desenvolvimento de uma racionalidade restrita a instrumentalização do mundo e da vida é justamente aquilo que media a configuração da educação contemporânea e, conseqüentemente uma barreira para novas propostas. Para Adorno,

O sonho da formação — a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade — é falsificado em apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição. (ADORNO, 1996, p.410)

Os pressupostos do *progresso*, aliado a uma perspectiva positivista da vida e da história, corroboram ainda hoje para a pretensiosa apropriação da natureza pelo homem. Sob o prisma do conhecimento, legitimado por tais ciências mediante esta *técnica*, a face mais obscura de tal *projeto* ainda demonstra que a razão carece de uma autocrítica, sobretudo no que se refere à preponderância de uma racionalidade estritamente instrumental e pragmática, cujo fetiche dos meios se sobrepõe aos fins.

II.I Indústria Cultural e *Semicultura*

Conforme o diagnóstico prescrito por Adorno em *Teoria da semicultura* (1959), quanto ao que hoje se manifesta acerca da formação cultural, o que presenciamos é uma forma dominante de consciência, cuja contradição, consiste em uma *semicultura* advinda “apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde” (ADORNO, 1996, p. 389) Para Adorno, há ainda de se considerar o fato de que,

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede a formação cultural, mas a sucede. Deste modo tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. (ADORNO, 1996, p.391)

Para Pucci (1997) isto é a evidência de que num contexto determinado pelo sistema capitalista, uma grande tensão entre dois pontos fundamentais da educação contemporânea é,

a) como o capitalismo tardio educa/forma seus reprodutores/clientes através da negação da formação cultural; b) ao mesmo tempo, como, a partir da semiformação generalizada, se resgatar a *Bildung* (cultura/formação cultural) para os construtores da sociedade em que vivemos? (PUCCI, 1997, p.89)

É este um dos principais temas discutidos por Adorno no texto de 1959, ou seja, a crítica da formação cultural a partir da indústria, “em que se confundem os planos da indústria e da cultura” (PUCCI, 1997, p.112). Uma vez que esta se limita a *semiformação*, responsável também pela manutenção ideológica das classes dominantes, o paradoxo é justamente a constatação de que em uma época de universalização da informação o que se difunde é a *semicultura* e a consequente heteronomia, ambas palpitante nos indivíduos e na sociedade.

De modo geral, as análises de Adorno, pensadas num contexto assombrado pelos fantasmas do século XX e cuja emancipação parece estar fadada ao fracasso, requerem que ao referirmo-nos à educação recorramos também a outros termos concomitantemente atrelados à questão, como por exemplo, o conceito de indústria cultural e racionalidade instrumental.

Quanto ao primeiro conceito, por exemplo, é possível perceber, segundo uma observação de Martin Jay, que Adorno “por uma questão de princípio” recusa “toda e qualquer tentativa de tornar seu pensamento facilmente acessível ao grande público” (JAY, 1988, p.13), percebemos, não obstante a esta indicação, o resguardo da maneira assertiva de Adorno opor-se a semiformação, sobretudo à tirania homogeneizante daquilo que ele e Horkheimer denominaram de indústria cultural.

Ao questionar os fundamentos do pensamento moderno, e como o mesmo se processa culturalmente, a Teoria Crítica, mais especificamente a primeira geração da escola de Frankfurt e do qual destacamos Adorno, evidenciou a existência de determinantes econômicos pautando sua prática, implicando assim, numa ordem e lógica mercadológica que invariavelmente conflui numa construção cultural deformada.

Adorno, ao fazer esta análise pontua os ideais do iluminismo recorrendo a um de seus principais conceitos: o *esclarecimento*. Assim, paradoxalmente, reverbera a ambigüidade desse projeto, indicando que se por um lado “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição

de senhores”, por outro, “o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.19-20).

No que diz respeito às contradições do ideal iluminista³, para Adorno, a modernidade se edifica por meio de um *fetichismo da técnica*. O termo *racionalidade instrumental* é um conceito que faz referência às análises weberianas de uma racionalidade dirigida a fins, mas que por velar uma finalidade que conduza a uma vida humana digna, conseqüentemente concede maior primazia aos *meios*, que por sua vez, acabam “fetichizados porque os fins têm sido expulso das consciências das pessoas”. (ADORNO, 1995, p.118)

Segundo Adorno, tais finalidades são constituídas pelo desejo intenso de dominar a natureza e os homens, onde os processos de aquisição se configuram como uma racionalização metódica e técnica. O autor conclui que,

A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. (...) O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘*operation*’, o procedimento eficaz. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 20)

Portanto, é neste sentido que o próprio *esclarecimento* incide em dominação. Instituído-se através da pretenciosa vocação de libertador dos homens em condição de escravos, a racionalidade instrumental se consolida. Embora sua meta fosse “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 19), tal razão foi incapaz de refletir sobre si mesma, não se concretizou como auto-reflexiva. A vontade de controlar e subjugar por meio de uma explicação cientificamente controlável conseqüentemente cultivou a dupla dimensão da razão moderna, tornando-a esclarecimento e dominação.

Por este motivo, Adorno e Horkheimer criticam drasticamente a maneira como a modernidade fez uso da razão, ou seja, como um simples instrumento – como técnica de domínio –, bem como a concepção de um mundo simplista constituído por objetos manipuláveis. Para Adorno, “as pessoas tendem a tomar a técnica pela coisa mesma, a

³ Objetivamos a crítica de Adorno ao movimento eminentemente intelectual que desde sua origem na Europa do século XVIII se caracterizou, sobretudo pela racionalidade das ciências e com a qual advém a ideia de progresso contínuo da história. Uma racionalidade prática e utilitarista que passou a influenciar drasticamente todas as esferas da sociedade.

considerá-la um fim em si, uma força com vida própria, esquecendo, porém, que ela é o prolongamento do braço humano.” (ADORNO, 1995, p.118) Essa temática será profundamente explorada por Adorno, servindo como chave de leitura da racionalidade moderna.

Ao dar primazia ao *poder* técnico e social que a racionalidade instrumental concede ao homem, também os aspectos culturais se destituem de seus valores particulares. O ético, o político, o religioso ou a arte é reduzido ao puramente estético, subjugado pela tirania do capital que propositadamente duplica na consciência dos indivíduos uma outra realidade, esta por sua vez corre paralela à indústria e ao mercado.

A indústria cultural é a maneira de o capitalismo dissolver esses valores e manipular os indivíduos reorganizando a sociedade e vinculando-a a economia. Conforme Adorno, “é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO, 1985, p. 114).

O projeto arquitetado pelo capitalismo funcionaria precisamente como um “circulo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa” (ADORNO, 1985, p.114). Ao duplicar nas consciências dos homens o que existe, sobretudo uma cópia continuada do sistema vigente, a indústria cultural inicia um processo de *semiformação*, capaz de tornar as massas uma extensão social de si, por conseguinte, “são semiformadas afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural.” (MAAR, 2003, p.3)

O produto oferecido pela indústria cultural, segundo Adorno, é fonte de *orientação*, onde ao se experimentar as situações análogas às da vida real, aliena-se as consciências. Segundo Maar, “pela indústria cultural a irracionalidade da sociedade capitalista tardia se converte em ‘racionalidade’ da manipulação da massa” (MAAR, 1997, p.75). Também para Adorno isso representaria o

Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (ADORNO, 1996, p.388)

Uma das principais conseqüências sociais desse tipo de hegemonia cedida à indústria cultural pode ser observada através dos estudos do sociólogo Scott Lash, que segundo Palanca,

Defende a tese de que nos dias atuais não há mais cultura além da gerada pela indústria cultural. Isto significa que a cultura de massa – indústria cultural – tornou-se condição única e, conseqüentemente, indispensável, ao conhecimento da realidade social no mundo contemporâneo (PALANCA, 2005, p.128).

O que isto evidencia é que a indústria cultural se torna uma forma quase que exclusiva de organização social, determinando e ordenando as relações segundo os preceitos administrativos do sistema econômico. Neste sentido, condicionam-se as expressões do espírito e sua própria humanização às necessidades técnicas das sociedades industrializadas.

Conseqüentemente, por não ser imune a tal degradação, o espaço educacional reitera a formação desse *homem massa*. Ainda segundo Palanca, o império da funcionalidade que delinea o caráter da educação contemporânea, nos faz vislumbrar “uma ‘educação pequena’, tão pequena quanto os indivíduos aos quais ela se dirige.” (PALANCA, 2005, p.128)

A relação entre a cultura moderna e a educação se manifesta segundo Adorno, precisamente através da adaptação da educação aos parâmetros culturais difundidos ideologicamente por meio da indústria cultural, a isto ele denomina de *semiformação*. Mediante esse processo a educação tornar-se-ia também um produto de consumo conformado às propriedades econômicas, reificando os homens e suas relações, bem como, excluindo os valores que não conspiram com a manutenção desse sistema.

III. Considerações finais

Ao perder sua especificidade e ao moldar-se à ideologia capitalista, a educação corroboraria, tal qual a indústria cultural para a formação de consciências *coisificadas*, reiterando a possibilidade de um retorno da barbárie. A leitura de Adorno sobre a formação cultural, no âmbito do ideal iluminista, revela que esta, por sua vez, se desentendeu dos fins e de sua função real,

A formação devia ser aquele que dissesse respeito ao individuo livre e radicado em sua própria consciência (...) era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. Contraditoriamente, no entanto, sua relação com uma práxis ulterior apresentou-se como degradação a algo heterônomo, como percepção de vantagens de uma irresolvida *bellum omnium contra omnes*. (ADORNO, 1997, p. 410)

Contudo, percebemos que a grande questão que se impõe é saber se de fato a educação poderia ainda ser concebida impreterivelmente como uma forma de resistência

a isto. Ao concluir o ensaio *Educação após Auschwitz*, Adorno escreve temerosamente que a educação, mesmo através de profundas intervenções, dificilmente poderá impedir que surjam novos “assassinos de escritórios” (ADORNO, 1995, p.123). Contudo, sua esperança se pauta nos seguintes termos,

Mas que haja pessoas que, subordinadas como servos, executam o que lhes mandam, com o que perpetuam sua própria servidão e perdem sua própria dignidade; que haja outros Bogers e Kaduks, contra isso se pode fazer alguma coisa pela educação e pelo esclarecimento. (ADORNO, 1995, p.123)

Certamente se trata de um aspecto positivo da educação e do esclarecimento e é neste sentido, segundo o autor, que a educação voltada para o indivíduo pode se processar como uma forma eficaz de oposição à barbárie, que embora não se tenha garantia nenhuma de não se efetivar, poderá, no entanto, caso retorne, encontrar pessoas menos propensas a tornarem-se seus executores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995

_____. *Teoria da semicultura*. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci, Claudia B. Moura Abreu, *In Educação & Sociedade: revista quadrienal de ciência da educação*, ano XVII, nº 56, Campinas: Editora Papirus, dez./ 1996., 388-411.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max; *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

JAY, Martin. *As idéias de Adorno*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?. *In. Immanuel Kant: Tetos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MAAR, Wolfgang Leo. *Adorno, semiformação e educação*. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, nº 83, p. 459-4, 2003. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

_____. “A formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. *In. A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Organizadores Antonio Álvaro Soares Zuin, Bruno Pucci, Newton Ramos-de-Oliveira. Petrópolis, Rj: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997. 45-88.

PALANCA, Nelson. *Modernidade, Educação e Alteridade: Adorno, cogitações sobre um outro discurso pedagógico*. Campinas, SP: [s.n.], 2005. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

PEUKERT, H. *Problemas básicos de uma teoria da educação*. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. In. *Educação & sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação*, ano XVII, N°56, Campinas: Editora Papirus, 1996, 39-52.

PUCCI, Bruno. “A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação”. In. *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Organizadores Antonio Álvaro Soares Zuin, Bruno Pucci, Newton Ramos-de-Oliveira. Petrópolis, Rj: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997. 89-115.